

# VIÚVAS DA TERRA MORTE E IMPUNIDADE NOS RINCÕES DO BRASIL

CAVALCANTI, Klester.  
São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

*Por Ana Helena Ithamar Passos\**

---

O livro *Viúvas da terra* não é simplesmente um relato de algumas biografias. Em verdade, o livro nos traz as histórias escondidas do Brasil. Várias histórias, grandiosos relatos. Através do escrito do autor, essas senhoras, viúvas do Brasil relatam suas dores e suas perdas para além da reportagem. O livro, ganhador do Prêmio Jabuti 2005, na categoria Reportagem e Biografia, não é apenas um livro e sim uma denúncia das impunidades desse Brasil desconhecido de todos.

Klester Cavalcanti nasceu em Pernambuco e desde a faculdade de jornalismo tinha o sonho de escrever e estar em guerras, como ele mesmo nos aponta em uma entrevista para o Canal Imprensa.

Eu sempre quis cobrir uma guerra. Tentei ir para o Afeganistão, mas não foi possível. Não penso em alcançar o topo da carreira de jornalismo com isso - no meu caso, parece que tenho um ímã para confusão. Quero saber que guerra é essa, se realmente existiu uma guerra, entre outras coisas (Observatório da Imprensa, 20/03/03).

E foi por esse sonho que Cavalcanti se impulsionou a escrever *Direto da Selva (As aventuras de um repórter na Amazônia)*, um livro escrito para a coleção "Vida de Repórter" da Geração Editorial. A coleção "Vida de Repórter" foi construída pelo jornalista Luis Fernando Emediato e carrega como uma novidade no campo editorial a oportunidade de jornalistas e repórteres terem seus trabalhos publicados como obras literárias. O livro *Direto da Selva* é um desses relatos. O livro traz a narrativa dos dois anos que o jornalista viveu na Amazônia, como correspondente da *Revista Veja* e mostra a história da vida dos seringueiros e

---

\* Mestranda do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

as artimanhas construídas pelas ilegalidades da extração de madeira naquela área. A narrativa em primeira pessoa demonstra a visão do jornalista dessas histórias e da vida naquela região. O livro apresenta também em um dos seus capítulos a narrativa vivida por ele de um seqüestro em Belém em março de 2000. Para alguns críticos o seqüestro retratado está “desmanchado” em fantasias e com isso o livro não nos acrescenta muito em termos de um desmascaramento de estereótipos de uma área tão completa de beleza e complexa em suas rotinas.

Em um formato literário diferenciado o autor nos surpreende em *Viúvas da Terra*. Ele não só nos relata uma guerra – que é o objeto do seu desejo como jornalista – como também nos mostra o descaso e a impunidade da justiça brasileira nessa guerra civil que acontece frente aos nossos olhos, todos os dias.

O final da década de 1970 ficou marcado pelo chamado “novo bandeirantismo”. As propagandas do governo e dos jornais traziam a riqueza e a abundância de terras que lá existia e que poderiam ser conquistadas, dando assim lugar a construção de cidades e criação de empregos para os que se encorajavam a participar desse êxodo. Esses projetos pretendiam beneficiar empresas como a Sinop, a Indeco, a Incol, entre outras, com incentivos financeiros e outros programas que ajudariam a desenvolver e colonizar a região norte do Brasil. Esses benefícios eram incentivados pelo Governo Federal e aprovados pelo Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Por atrás de toda essa euforia sobre o desenvolvimento do país e a superação do “atraso” daquela área encontrava-se nas entrelinhas a vontade de manter sob controle os movimentos sociais no campo. Ademais, desde o primeiro momento dessa corrida para a modernização do Brasil, estava claro que se construía uma hierarquização de domínios sobre os territórios e, conseqüentemente, se consolidavam relações de poder que poderiam desencadear uma guerra civil entre os trabalhadores rurais – muitas vezes sindicalistas – e os donos das grandes fazendas, madeireiros e políticos da região. O escasso pagamento dos serviços prestados por esses agricultores e a falta de esperança de ter em suas mãos a tão sonhada terra prometida faziam com que cada vez mais os trabalhadores rurais se organizassem em busca dos seus direitos.

Lamentavelmente, o que ficou deste movimento em busca de direitos sociais foram mais de mil viúvas. Mulheres que até hoje lutam pelos seus direitos e por justiça. Todavia, os direitos que elas buscam

hoje não são mais os que se buscavam naquele tempo, mas sim justiça e punição para os assassinos dos seus maridos e filhos, que morreram pelas mãos de matadores de aluguel, contratados pelos fazendeiros que temiam por suas terras.

Foram mais de mil casos de homicídio. Extermínio, descaso, impunidades judiciárias, revoltas e indignação foram o que levaram o autor a escrever a história de Raimundo, Clésio, Dézinho, Carlos, Sérgio, Manoel, José, Ezequiel, Francisco, e tantos outros. Para escrever essas histórias o jornalista entrevistou delegados, policiais, advogados, amigos e principalmente as maiores vítimas vivas dessa guerra: as suas viúvas.

Mulheres como Maria José, Maria Joel da Costa, Antônia de Oliveira, Dona Geraldina, Leci Rodrigues e suas filhas são as grandes vozes que ecoam das palavras do autor. Mulheres que sobreviveram à dor de muitas vezes não só perder seus maridos e filhos, mas, também presenciar o extermínio de forma impotente e ter que conviver com a lembrança da cena e a amargura da ausência.

Meu marido foi assassinado com catorze tiros, na cozinha de casa. Quatro homens arrombaram a porta e entraram gritando. Três dos meus cinco filhos estavam com o pai, na cozinha. Eu ouvia os tiros e pedia a Deus pra proteger as crianças. Nenhuma bala atingiu meus filhos. Mas eu perdi o bebê que estava na minha barriga. Durante o tiroteio, eu desmaiei e acordei com o vestido ensopado de sangue. Perdi o marido e um filho de uma vez só (p.176).

Esses relatos soam como disparos aos nossos ouvidos e cada palavra dessas mulheres nos traz um pensamento paradoxal de revolta e admiração. Revolta por perceber os anos de injustiça pelo quais passaram e passam até hoje essas mulheres. São dez, quinze, vinte e às vezes mais anos de impunidade e descaso. E admiração pela força e coragem dessas sobreviventes que, para além do sofrimento continuaram a viver, muitas vezes a lutar pela causa agrária e principalmente a deixarem seus legados de coragem para seus filhos e filhas, como o caso de Luiza que “ganhou, na França, um prêmio internacional por sua luta em defesa dos direitos humanos” (p.139). Essas mulheres conseguiram semear, a partir da perda, frutos não raivosos e vingativos e sim, guerreiros e guerreiras dessa luta sem fim.

A leitura do livro nos remete às desilusões, ao amargo despertar dos sonhos de quem chegou a essa região acreditando na possibilidade

de construir uma vida digna e se deparou com uma guerra por poder onde, como já sabemos, os mais fracos saíram perdendo. Nesse caso nossa indignação vai mais além, pois vamos percorrendo não só as perdas – física e moral – dessas famílias, mais também o descaso da polícia, dos políticos e da justiça brasileira.

Por outro lado, Cavalcanti também nos entrega um relato da fortaleza moral e do elevado escopo ético dessas “viúvas da terra” – ou melhor dizendo: guerreiras da terra –, pois elas refletem em suas histórias pessoais a luta, a perseverança, a consciência da responsabilidade com os filhos e uma pedagogia da esperança, um retrato que faz justiça à mulher brasileira.